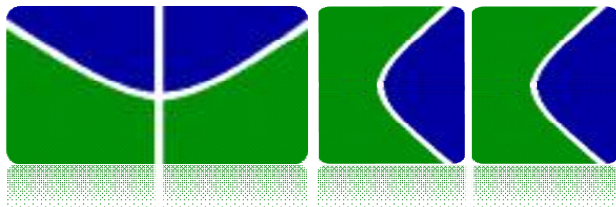


Trabalho de Conclusão de Curso

Licenciatura em Ciências Naturais



**As dificuldades encontradas por professores no
ensino de ciências a alunos com deficiência**

Ana Lúcia Martins Lopes

Orientadora: Prof^ª. Dra. Renata Razuck

Universidade de Brasília

Faculdade UnB Planaltina

Fevereiro de 2013

AS DIFICULDADES ENCONTRADAS POR PROFESSORES NO ENSINO DE CIÊNCIAS A ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

The difficulties encountered by teachers in teaching science to
students with disabilities

Ana Lúcia Martins Lopes¹

Resumo

A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 art. 58.59 trata a educação especial como uma modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades educacionais especiais. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases deveria ser garantido serviços de apoio especializados para atender as peculiaridades de cada aluno, assim como adaptações nos currículos, métodos, técnicas e recursos educativos. Os educandos com necessidades especiais deveriam ser acompanhados por professores com especialização adequada para atendimento especializado, bem como professores capacitados para a inclusão desses alunos nas classes comuns. Este trabalho se propõe a discutir sobre as possibilidades de ensino e aprendizagem de temas ligados as ciências naturais, que envolvem física, química e biologia, destinadas a um deficiente. Pretendemos averiguar os métodos utilizados pelos professores de ciências ao lecionar para alunos especiais.

Palavras-chave: inclusão, ensino de ciências, processos de ensino e aprendizagem.

Abstract

The Law Diretrizes e Bases 9394/96 art. 58.59 treats education as a special type of education offered preferably in the regular education for students holders of special educational needs. According to the Law of Diretrizes e Bases should be guaranteed specialist support services to meet the peculiarities of each student, as well as adjustments in curricula, methods, techniques and educational resources. Learners with special needs should be accompanied by teachers with appropriate expertise for

specialized care as well as trained teachers for the integration of these students in regular classes. This paper aims to discuss the possibilities of teaching and learning issues related natural sciences, involving physics, chemistry and biology, intended for a deficient. We intend to investigate the methods used by science teachers to teach to special students

Key words: inclusion, teaching science, learning teaching process.

Introdução

A partir da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), intensificou-se as praticas por incluir a todos os que estavam excluídos do processo educacional, dentre os quais destacam-se as pessoas com necessidades educacionais especiais.

As pessoas com deficiências que antes eram excluídas, são hoje incentivados / estimulados a iniciar e concluir seus estudos (FERREIRA & CARDINALI, 2010). Há atualmente movimentos que buscam a inserção dos alunos com deficiências nas escolas comuns, nas turmas regulares, o que surgiu de uma demanda social e se tornou uma importante política pública.

Entre estes movimentos está: Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, que visa à inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais e ou altas habilidades / super-dotação. A inclusão deve ser otimizada por meio de orientações aos sistemas de ensino, visando garantir-lhes um ensino regular, com atendimento educacional especializado. Para tal, faz-se necessário uma formação especializada, na área de educação inclusiva, aos professores para um adequado atendimento educacional, assim como aos demais profissionais da educação, de forma a possibilitar uma melhor inclusão com a efetiva participação da família e da comunidade.

Os Princípios da Política e das Práticas em Educação Especial estão estruturados na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), a qual apresenta os procedimentos padrões para equalizar as oportunidades oferecidas a pessoas portadoras de deficiências. Assim, pode-se dizer que este é mundialmente considerado um dos mais importantes documentos que visam à inclusão social das pessoas com deficiência. A Declaração de Salamanca tem como princípio a compreensão de que a educação inclusiva não é uma ação da educação especial: a educação inclusiva é uma obrigação da escola comum.

Porém, normalmente o que se observa nas escolas comuns que oferecem uma educação inclusiva é a existência de uma sala com atendimento especial. Esse atendimento é realizado nas chamadas salas de recursos ou multifuncionais.

Vygotsky (1996) nos traz o conceito de que o desenvolvimento da criança dá-se de uma forma diferenciada das demais propostas baseadas na maturação biológica. Para ele, os mecanismos biológicos atuam a princípio, mas as influências sociais e culturais possuem maior importância no desenvolvimento humano. Ele nos diz que o ser humano já nasce com algumas características próprias à espécie humana, porém outras características como: o raciocínio, a memória, o planejamento dentre outras são dependentes da aprendizagem que ocorre naturalmente no âmbito social.

Assim, podemos afirmar que uma pessoa com deficiência tem total capacidade de aprender, como qualquer outra criança, dado que uma criança com deficiência não é necessariamente menos desenvolvida, mas se desenvolve de forma diferente devido às suas características de input diferenciado. Suas capacidades são as mesmas que de qualquer outro ser, porém devem ser trabalhadas de forma diferenciada, usando formas de mediações diferenciadas, respeitando suas características.

Uma criança deficiente visual costuma ter capacidade tátil muito mais desenvolvida do que uma criança dita normal. Nesse sentido, Vygotsky (1997) deixa claro que o mais importante não é a deficiência, mas sim a pessoa em interação, sempre rica em possibilidades. De forma geral, o defeito é tido como ponto de partida para o desenvolvimento de alguma outra capacidade compensatória.

Assim, no processo educativo das pessoas com deficiências, o foco não deve estar nas limitações impostas, mas nas possibilidades compensatórias.

Construir todo o processo educativo seguindo as tendências naturais para a supercompensação significativa não atenuar as dificuldades que derivam do defeito, e sim tensionar todas as forças para compensá-lo. (Vygotsky, 1997, p.47)

Com certeza, o defeito não se compensará sozinho. A criança deverá ver o defeito como uma simples diferença que não o impedirá de se desenvolver, e jamais enxergá-lo como um empecilho. Para que isso ocorra, a criança dependerá fundamentalmente de seus meios de convívio familiar e social, sendo que a escola precisa desempenhar um papel de destaque nesse processo visto que o educador é aquele que está mais próximo da criança no espaço escolar, ele acompanha o seu crescimento e tem um papel fundamental nessa compensação. O educador tem o papel de desafiador e incentivador

das inúmeras possibilidades que estas crianças possuem. Cabe ao educador guiá-lo nos processos educativos através de suas possibilidades de aprendizagem, sem dar ênfase nas impossibilidades.

Para Alder citado por Vygotsky (1997) a deficiência não provoca a compensação direta, mas indiretamente por meio das dificuldades que derivam desta, que costuma estar atrelada a situação. Esse sentimento de inferioridade ocorre cotidianamente com tais crianças, seja em uma situação de preconceito, ou obstáculos que a própria sociedade cria. Como o professor é aquele que está mais próximo da criança no espaço escolar, é aquele que acompanha seu crescimento / desenvolvimento, ele tem um papel fundamental nessa compensação.

Temos de garantir que os alunos com deficiência sejam apoiados para tornarem-se participantes e colaboradores na planificação e no bem-estar desse novo tipo de sociedade. Temos de evitar os erros do passado, quando os alunos com deficiência eram deixados à margem da sociedade.

O objetivo principal dessa pesquisa foi averiguar as metodologias utilizadas pelos professores do ensino regular para ensinar os alunos com deficiência, quais são as dificuldades enfrentadas por estes professores, quais as adaptações que estes têm que realizar, e se há uma formação necessária para que estes professores possam entrar em sala de aula, e saber como lidar com essa diversidade de alunos.

Metodologia

A pesquisa se baseou na coleta de dados qualitativos e quantitativos que segundo Delthey (citado Flick 2000) traz uma compreensão como princípio do conhecimento, onde é preferível estudar as relações complexas ao invés de explicá-las por meio de isolamentos de variáveis (GÜNTHER 2006).

Os dados foram coletados por questionário (em anexo) aplicado aos professores de Ciências e de Biologia que atuam nas séries finais de duas escolas públicas de Planaltina. Os questionários foram compostos por perguntas objetivas, no intuito de garantir a uniformidade no entendimento dos entrevistados e também a padronização dos resultados.

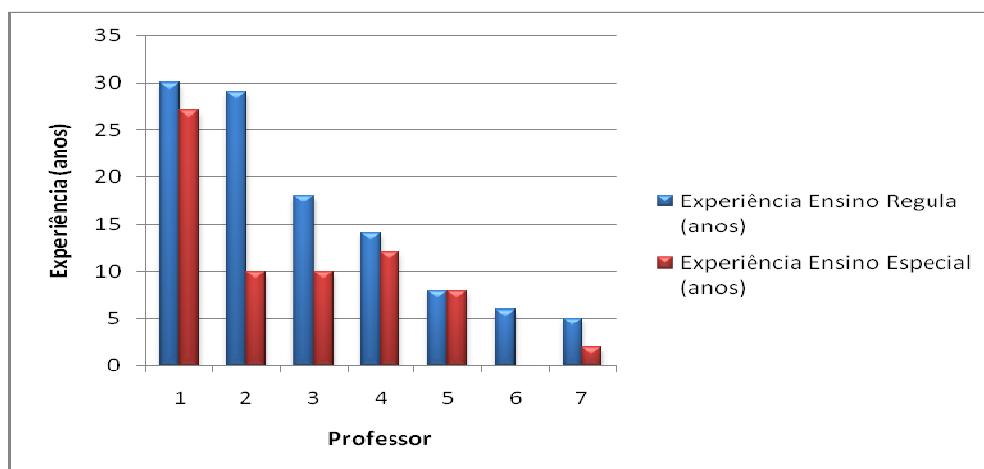
Foi também realizada uma entrevista informal com os mesmos professores de ciências, onde quando necessário algumas dúvidas com relação ao questionário foram esclarecidas.

Análise e discussão

A análise de dados obtida para construção deste estudo, que teve como foco central a relação de metodologias que os professores de ciências do ensino regular de duas escolas de Planaltina-DF (uma de ensino fundamental e outra de ensino médio) utilizam para atuar no ensino aos alunos com necessidades educacionais especiais.

A entrevista foi realizada com sete professores do ensino fundamental e médio de duas escolas de Planaltina – DF onde quatro deles eram professores de ciências do ensino fundamental, e três deles eram professores de biologia do ensino médio. A escolha dessas escolas deu-se pelo fato de elas realizarem um trabalho em conjunto, onde uma atende aos alunos da outra com o reforço realizado na sala de recursos. E ao fim do módulo do ensino fundamental os alunos são encaminhados para continuarem seus estudos nessa escola de ensino médio.

Os nomes dados aos professores são fictícios para resguardar a identidade de cada um.



Quando questionados sobre o tipo de orientação que tiveram durante a sua graduação para o trabalho com o ensino especial, pudemos notar uma unanimidade nas respostas. Todos relataram não terem recebido nenhum tipo de orientação, contudo três dos professores entrevistados comentaram o fato de, ao se depararem com a situação, sentiram a necessidade de buscar algum tipo de orientação e por conta própria o fizeram.

Nenhuma na primeira graduação, não era comum e não se falava em inclusão. (Prof.^a Luana. Ciências)

Nenhuma. Contudo fiz muitos cursos quando me deparei com ele em sala, e eu totalmente despreparada. (Prof.^a Eva. Ciências)

Nenhuma preparação na graduação, mas a realidade demonstrou a necessidade de buscar uma formação nesta área, e por isso realizei uma especialização em desenvolvimento humano e inclusão escolar, fornecida pela parceria Universidade Aberta e UnB. (Prof.^a Joana. Biologia)

Com relação às metodologias utilizadas nas aulas inclusivas, observamos certo padrão nas respostas. As metodologias que segundo eles eram adaptadas geralmente estavam muito relacionadas ao uso de aulas expositivas, a realização de trabalhos orais e em grupo, sempre respeitando a capacidade cognitiva de cada aluno. Ou até mesmo utilizando os recursos oferecidos pela sala de recurso, como por exemplo, provas ou materiais de aula adaptados, ampliação de material ou uso do braile e etc.

Aulas expositivas, procurando fazer trabalhos em grupo de forma que os alunos especiais participem. (Prof.^a Camila. Biologia)

Para os alunos que necessitam de provas ou material é providenciado. (Prof.^a Márcia. Ciências)

Avaliações adequadas à capacidade de entendimento. (Prof. Paulo. Biologia)

Quanto às mediações utilizadas no trabalho com os diferentes níveis de aprendizagem em sala, observamos sempre o uso de atividades adaptadas as necessidades de cada um, eles procuram sempre fornecer um atendimento mais individual, acompanhando cada aluno o mais de perto possível durante a execução das atividades. Um dos professores relatou estar sempre incentivando a solidariedade e interação entre os colegas, fazendo com que eles se ajudem uns aos outros.

Quando passo uma atividade procuro auxiliar de perto os alunos especiais e se necessário, fornecer informações adicionais, explicar mais os enunciados, ou outras medidas que tentam facilitar a compreensão das atividades. (Prof.^a Joana. Biologia)

Atendimento individual. Pode parecer difícil em uma sala com 40 alunos, mais basta um pouco de organização do professor e

solidariedade dos colegas, um ponto importante que pode ser desenvolvido ao longo do ano. (Prof.^a Luana. Ciências)

Destacamos que as adaptações com relação às metodologias, citadas pelos professores, a nosso ver não deveriam ser classificadas como adaptações, visto que as metodologias citadas são geralmente as mesmas utilizadas em qualquer outro tipo de aula, e não exclusivamente para uma aula inclusiva. Não foi observado nenhum tipo específico de mediação que venha a favorecer necessariamente o entendimento do conteúdo por parte de um aluno deficiente.

Ao analisarmos as estratégias pedagógicas que segundo eles eram utilizadas na tentativa de amenizar as dificuldades que os alunos pudessem ter, e valorizar as habilidades de cada um, as respostas foram bem semelhantes, pudemos perceber que de modo geral os professores tem buscado como fator principal o uso de aulas mais expositivas, com a idéia de que assim possam amenizar as dificuldades que os alunos têm com relação à aprendizagem. Alguns nem isso relataram fazer, eles costumam deixar esta responsabilidade em ensinar a essas crianças especiais somente por conta da sala de recursos.

Contudo dois dos professores relataram uma forma diferente de tentar amenizar as dificuldades dos alunos e valorizar suas habilidades, eles buscam incentivar e trabalhar as expressões orais dos alunos, a interação entre eles, e as expressões artísticas de cada um. Eles fazem isso através de trabalhos em grupo, apresentações orais, realização de dinâmicas e desenvolvimento de desenhos como apresentação de trabalhos.

Em geral as habilidades são trabalhadas por projetos da sala de recursos de DV (Deficiente Visual), visando às particularidades de cada casa. Esses alunos são inseridos em todas as atividades da escola estimulando sua inclusão. (Prof.^a Eva. Ciências)

A maioria dos meus alunos especiais apresenta facilidade oral e para valorizar essa habilidade oportunizo a expressão oral, eles apresentam seminários, respondem questionamentos oralmente. (Prof.^a Joana. Biologia)

Desenhos, apresentações e dinâmicas. (Prof.^a Mariana. Ciências)

Com relação ao amparo que a escola e/ou o governo oferecem para a realização do seu trabalho, eles relataram sentir certo descaso por parte das duas instituições. Eles

sentem falta da gratificação que os profissionais costumavam receber para se trabalhar com o ensino especial.

Essa gratificação foi retirada após a implantação das salas de recursos ou multifuncional.

Ela não interfere em nada. Faço por minha conta, as vezes se precisar eu peço orientação. Tenho DA (Deficiente Auditivo), DV(Deficiente Visual), TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) e outros e não recebemos por nosso trabalho diversificado. Fica aqui o meu protesto. (Prof.^a Márcia. Ciências)

O único aparo que eles relatam receber é referente à existência da sala de recursos, através do trabalho por eles realizado. Reforço no horário contrário ao da aula, e o fornecimento de materiais específicos. Esquecendo que a função das salas de recursos não é a de fornecer um reforço a esses alunos, e sim “fornecer materiais pedagógicos e de acessibilidade, para a realização do atendimento educacional especializado, complementar ou suplementar à escolarização” (Ministério da Educação - MEC).

A escola tem um grupo de professores que amparam o nosso trabalho, formam a sala de recursos, no horário inverso acompanham as atividades das disciplinas. O governo não ampara o nosso trabalho, só dificulta, superlotando as salas de aula, impondo uma carga horária massacrante aos professores e não oportunizando a formação continuada nesta área. (Prof.^a Joana. Biologia)

E analisando as respostas obtidas observamos que neste ponto há certo desentendimento quanto ao fornecimento deste recurso. Eles relatam ser este fornecido pela iniciativa das escolas, porém, sabemos que o trabalho realizado pela sala de recursos (falho, não podemos negar) é um recurso imposto pelo governo/secretaria de educação.

Na Resolução CNE/CEB N° 2, de 11 de setembro de 2001, a qual institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, no Art.8º há a seguinte indicação para as salas de recursos:

V- Serviços de apoio pedagógico especializado em salas de recursos, nas quais o professor especializado em educação especial realize a complementação ou suplementação curricular, utilizando

procedimentos, equipamentos e materiais específicos [...]. (BRASIL, 2001, p. 28)

No entanto este não foi o único equívoco observado nos relatos destes professores. Um deles relatou que o único amparo que ele recebe é a presença do professor de libras, o que nos mostra claramente um erro na compreensão com relação ao trabalho realizado por este profissional que não se trata de um professor de libras e sim de um interprete que tem a função de traduzir/interpretar o que é dito e feito pelo professor da matéria dentro de sala de aula e não a função de educar ou ensinar a estes alunos qualquer conteúdo que seja.

Somente com a presença do professor de libras e eventualmente reuniões com o pessoal especializado. (Prof. Paulo. Biologia)

Quando questionados quanto aos critérios e formas de avaliação utilizada por eles em sala de aula, foi observado que geralmente eles aplicam os mesmos tipos de avaliação para todos os alunos: trabalhos, seminários, atividades em grupo, provas escritas, testes etc, porém, os critérios de avaliação utilizados durante a correção e diferenciado respeitando sempre as limitações cognitivas de cada aluno.

Essa atitude é um tanto quanto contraria a visão de Vygotsky (1995) que comenta a importância do desafio imposto pela atividade. Pois a atividade auxilia no desenvolvimento que é favorecido quando a tarefa representa um desafio à criança. Atividades desafiadoras promovem o desenvolvimento quando estas estimulam o indivíduo a pensar.

Eles relataram que as atividades para os alunos especiais são sempre feitas com a devida supervisão, quando não pelo próprio professor da matéria esta supervisão é feita pelos profissionais da sala de recursos.

5,0 pontos para atividades (10 atividades desenvolvidas em sala sob minha supervisão) 2,0 pontos pra trabalhos (desenvolvidas em grupos: montagem de cartazes, experimentos, colagem pesquisas... tudo feito em sala) 3,0 pontos para prova. (Prof.^a Eva. Ciências)

Avaliação de múltipla escolha com apenas duas alternativas e questões reduzidas. Avalio a aprendizagem e a participação do aluno, dentro das limitações deles. (Prof.^a Camila. Biologia)

Questões com textos menores e linguagem mais simplificada.
(Prof. Paulo. Biologia)

Ao serem questionados sobre o ensino que os alunos com deficiência têm recebido, se estes professores acreditam que este ensino tem sido o mesmo que aos demais alunos. Embora quatro professores afirmem que os alunos recebem o mesmo tipo de ensino, esses destacam as dificuldades do aluno em acompanhar. Já os outros três que disseram que os alunos não recebem o mesmo tipo de ensino afirmam que há políticas de protecionismo a limitações que impedem o seu progresso.

Destacamos que todos os professores entrevistados focaram suas respostas nas dificuldades e impedimentos e não nas possibilidades. Ao analisar as respostas dadas pelos professores e rever a questão com mais atenção concluímos que esta questão não foi tão bem elaborada, ela permitiu uma dupla interpretação por parte do leitor. Perdendo o objetivo inicial da questão. Durante a entrevista esta dúvida não foi perceptível, não permitindo a busca de alguma forma de amenizá-la.

Sim, apesar de não darem conta de acompanhar. (Prof.^a Mariana. Ciências)

Receber eles tem recebido sim, porem a aprendizagem que cada um apresenta não é a mesma. Varia de aluno pra aluno e também de acordo com as suas limitações. (Prof.^a Camila. Biologia)

Não, existem leis que praticamente proíbem a reprovação desses alunos, isso acaba “empurrando” eles para outras series sem os pré-requisitos necessários. Em muitas escolas as salas de recursos não desenvolvem projetos, não trabalham reforço escolar e preferem dar as respostas prontas. Com tudo isso o aluno não adquira o conhecimento necessário sendo destinado a empregos com menos requisitos educacionais. (Prof.^a Eva. Ciências)

Na visão dos professores entrevistados dentre as dificuldades enfrentadas pelos alunos especiais hoje em relação ao ensino que lhes é proporcionado, estão em primeiro lugar à falta de estrutura física adequada da escola. Pudemos perceber através da fala deles que a escola não tem suprido a contento as necessidades que os alunos especiais apresentam. Eles sentem falta de um atendimento psicológico adequado, *“não possuímos orientadores educacionais ou psicólogos na escola, isso limita um pouco*

nossa boa vontade em fazer algo por eles. Muitas vezes, nos mesmos realizamos este trabalho”. (Prof.^a Eva. Ciências).

A estrutura da escola nem sempre atende as demandas dos alunos com necessidades especiais. Em relação ao ensino acho que faltam profissionais como psicólogos, pedagogos para auxiliarem os professores nas escolhas de estratégias para a construção de conhecimento com o aluno. (Prof.^a Joana. Biologia)

A falta de material específico para cada necessidade. A falta de tempo para explicação. *“Acho difícil durante uma explicação eles terem através de sinais de libras, tempo para compreenderem uma linguagem com termos tão diversificados”.* (Prof. Paulo. Biologia). Além da superlotação das salas de aula.

Salas super lotadas, material que não chega em tempo, falta de investimento em uma verdadeira inclusão pois ficam na mesma sala mais separados em grupos e acabam não socializando verdadeiramente. (Prof.^a Luana. Ciências)

Percebemos também que para estes professores, outra importante dificuldade enfrentada pelos alunos são as limitações que cada um apresenta, eles não conseguem acompanhar o que é explicado, isso exige muitas adaptações nas aulas. E isso acaba por não amenizar e sim acentuar a exclusão a qual estes estão submetidos diariamente.

É que eles não têm o mesmo nível intelectual dos outros e isso lógico limita a aprendizagem. Para isso existem as adaptações. (Prof.^a Márcia. Ciências)

No caso dos D.I's (Deficiente Intelectual) o conteúdo acaba sendo um pouco além da capacidade de compreensão deles. (Prof.^a Camila. Biologia)

As sugestões dadas pelos professores para melhorar o ensino dos alunos com necessidades educacionais especiais foram bem variadas, no entanto foram também às esperadas, dada as respostas anteriores. A maioria das sugestões reafirma o quanto a falta de estrutura dos colégios prejudica o ensino às crianças e adolescentes.

A presença de uma equipe multiprofissional melhoraria muito o ensino a crianças especiais. Como sugestão dos professores a equipe multiprofissional deveria ser

composta por psicólogos, pedagogos, médico e orientadores educacionais. Essa equipe deveria acompanhar as atividades, ajudar no diagnóstico das limitações de cada aluno, eles informam que *“os pais não conseguem manter os laudos médicos atualizados devido ao custo”*. (Prof.^a Eva. Ciências)

Neste ponto eles esquecem que é de responsabilidade do professor o ensino aprendizagem dos alunos como um todo e principalmente dos alunos especiais.

O professor em conjunto com a sala de recursos de promover atividades pedagógicas que promovam a aprendizagem e conseqüentemente o avanço do nível de desenvolvimento real para o desenvolvimento potencial. O ambiente escolar deve favorecer o processo de aprendizagem por meio de estimulação a interação e cooperação entre os indivíduos.

Dois dos professores sugerem também uma melhor manutenção dos laboratórios de informática de inclusão, um melhor fornecimento dos materiais didáticos.

Porém, a meu ver, uma das mais importantes sugestões dadas por estes professores, depende em boa parte do esforço de cada professor, do quanto eles desejam se dedicar as suas aulas. Eles sugerem que sejam trabalhadas atividades que procurem aumentar a auto-estima dos alunos. *“Atividades para desenvolver o interesse e a concentração dos alunos, procurando abordar o conteúdo de forma lúdica e interativa, muito mais do que as aulas expositivas”*. (Prof.^a Camila. Biologia). Vygotsky ressalta que o pensamento só se desenvolve em todas as suas possibilidades atingindo o pensamento psicológico superior quando o meio oferece situações de desafio que estimulem esse desenvolvimento.

... onde o meio não cria os problemas correspondentes, não apresenta novas exigências, não motiva nem estimula com novos objetivos o desenvolvimento do intelecto, o pensamento do adolescente não desenvolve todas as potencialidades que efetivamente contém, não atinge as formas superiores ou chega a elas com um extremo atraso (VYGOTSKY, 2001, p.171).

Além da *“formação continuada e inicial dos professores sobre essa temática”*. (Prof.^a Joana. Biologia).

Dois dos professores não se manifestaram quanto às sugestões que poderiam ser dadas. Uma delas preferiu não responder a esta questão (deixou em branco) e outra se

disse incapaz de dar esta sugestão. *“Infelizmente não sou professora da área, não sou a melhor pessoa (adequada) para dar essa sugestão”*. (Prof.^a Márcia. Ciências).

Conclusão

Construir uma cultura de inclusão e igualdade envolve responsabilidade, comprometimento e sensibilidade por parte de cada cidadão. A promoção dessa nova cultura de inclusão, a responsabilidade intelectual e as repercussões sociais das transformações decorrentes dos princípios inclusivos na educação, que decorrem de uma visão de ciência humanizada e humanizadora, que as escolas precisam admitir, praticar e refletir.

Durante o estudo percebeu-se que a dedicação e o esforço de cada professor são o ponto chave para que ocorra uma verdadeira inclusão. Como vislumbra Vygotsky é de extrema importância que a escola seja um ambiente propício para a aprendizagem e conseqüente desenvolvimento do indivíduo. Ela deve direcionar as atividades a partir da detecção do nível de desenvolvimento real do indivíduo e sempre almejar o alcance do nível proximal do desenvolvimento.

Foi observado que por muitas vezes os professores acabam por deixar grande parte da responsabilidade em ensinar aos alunos especiais, por conta dos profissionais das salas de recursos. Eles parecem montar e aplicar suas aulas mais focadas nos demais alunos, fazendo apenas as adaptações mais simples que não prejudicam suas aulas.

As adaptações, as formas de mediação, as estratégias pedagógicas utilizadas pela grande maioria dos professores não demonstram muito interesse em fazer algo que possa verdadeiramente amenizar as dificuldades de aprendizado que os alunos especiais apresentam. *“Está ruim assim mais eu não sou a pessoa melhor indicada para mudar essa realidade”* (fala de um dos professores), foi essa a impressão que os docentes deixaram transparecer no decorrer da entrevista.

Contudo, não se pode generalizar essa situação, foram encontrados professores que alteram sua rotina normal de sala de aula e buscam fornecer um atendimento e incentivo a auto-estima e as habilidades de cada aluno. Esse fato nos permite considerar a possibilidade de mudanças ainda que muito pequenas e parceladas.

Essa falta de demonstração de interesse por parte dos professores não é culpa somente da opinião de cada um, isso sofre influência também por parte da falta de

estrutura nas escolas. Os professores não receberam e não recebem estímulos com relação à formação inicial e continuada nesta área, não recebem o apoio adequado por parte da sala de recursos ou multifuncional, que poderia ser mais bem equipada e composta por profissionais especializados nessa área.

A análise realizada apontou que para que a inclusão seja realizada com o devido sucesso se faz necessária a busca de especializações e cursos relacionados à área e também de políticas públicas que assegurem o direito dos alunos e as perspectivas de capacitação dos professores.

Consideramos que as aulas sempre sofrem algum tipo de adaptação, mesmo que em alguns casos contraditórios os professores relatem que não realizam nenhum tipo de adaptação, notamos que em seguida relatam que a estes alunos é necessária alguma atenção especial e a utilização do material diferenciado para se trabalhar com eles. Apesar disso é notória a sensação de incapacidade que estes professores apresentam, apesar de buscarem realizar algumas adaptações, não demonstram segurança na escolha destas. Os professores têm consciência de que este está sendo um trabalho falho, e a responsabilidade não é unicamente deles, já que a escola e o governo não têm colaborado muito com relação a isso. O governo obriga a escola a receber estes alunos, mas não a prepara para este acolhimento. Os professores chegam à sala de aula e se deparam com esta realidade, não se sentem preparados e nem amparados para a realização de tal trabalho. Os alunos chegam às escolas e ainda permanecem perdidos e não incluídos. Enquanto esta realidade não for modificada, a verdadeira inclusão não acontecerá.

Referências Bibliográficas

BRASIL.2001. **Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001.** Estabelece as diretrizes nacionais para educação especial na educação básica. Brasília: Ministério da Educação.

FERREIRA, A. C. ; CARDINALI, S. M. M. . **A Aprendizagem da Célula pelos Estudantes Cegos utilizando modelos Tridimensionais : Um desafio Ético. Benjamin Constant** (Rio de Janeiro), v. 46, p. 5-12, 2010.

Flick, U. (2002). **Entrevista episódica.** Em M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Orgs.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** (pp. 114-136). (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000).

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a Questão?** Psicologia: teoria e pesquisa. Universidade de Brasília maio – abril 2006.

OLIVEIRA, Mércia Aparecida da Cunha. **Práticas de Professores do Ensino Regular Com Alunos Surdos Inseridos: Entre a Democratização do Acesso e a Permanência Qualificada a Reiteração da Incapacidade de Aprender.** Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise. Organizadores: BUENO, Jose Geraldo Silveira. MENDES, Geovana Mendonça Lunardi. SANTOS, Roseli Albino, 2008.

RAZUCK,R. C. S. R. **A pessoa surda e suas possibilidades no processo de aprendizagem e escolarização.** Tese de Doutorado. FE, UnB, 2011.

RAPOUSO, P.N; MOL, G.S. **A diversidade para aprender conceitos científicos: a resignificação do ensino de ciencias a partir do trabalho pedagógico com alunos cegos.** In: SANTOS,W.L.S & MALDER,O.A. **Ensino de química em foco.** Rio Grande do Sul: Unijuí, 2010.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Genebra: [s.n.], 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escolhidas. Volume V, Fundamentos de Defectologia,** Madrid: Visor, 1997.

www.mec.gov.br acessado em 27 de fevereiro de 2013.